



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
solenidade comemorativa do 82º Dia Internacional do Cooperativismo**

Brasília-DF, 06 de julho de 2004

Meu querido companheiro Roberto Rodrigues, ministro de Estado da
Agricultura, Pecuária e Abastecimento,

Meu caro Márcio Lopes Freitas, presidente da Organização das
Cooperativas Brasileiras, e sua senhora Fernanda Maria Freitas,

Minha querida companheira Marisa,

Meu caro deputado Odacir Zonta, presidente da Frente Parlamentar do
Cooperativismo,

Senador Jonas Pinheiro,

Deputado Almir Sá,

Deputado Carlos Melles,

Deputado Cezar Silvestri,

Deputado Francisco Turra,

Deputado Leonardo Vilela,

Deputado Moacir Micheletto,

Deputado Silas Brasileiro,

Meu caro companheiro José Graziano, a quem eu devo muito o meu
gosto e o meu pequeno conhecimento sobre agricultura.

Meu querido Clayton Campanhola, presidente da Embrapa,

Meus senhores e minhas senhoras,

Companheiros e companheiras,

Eu sempre tive uma queda e um entusiasmo muito grande por
cooperativas, talvez em função da minha origem no movimento sindical, até
porque eu penso que o lema de todos nós é praticamente o mesmo: “a união



faz a força.” E por conta disso, durante muito tempo, em todas as campanhas de que participei, tive uma interação muito grande com as cooperativas no Brasil, muitas vezes lamentando que a constatação que o Roberto Rodrigues fez aqui é uma verdade absoluta, ou seja, a cooperativa é, sobretudo, uma questão de educação.

Uma cooperativa, a gente não a faz, ela nasce. E nasce com o grau de consciência das pessoas. Por isso, eu tenho uma frustração de ainda não ter levado para a minha região do Nordeste brasileiro a consciência do cooperativismo que nós já temos em outras regiões do país. Não basta ter as leis, não basta ter mecanismos institucionais para isso acontecer. É importante que tenhamos tudo isso, mas é importante que tenhamos formação, informação e educação como ponto de partida para que a cooperativa possa nascer, se consolidar e ser forte.

Até porque o movimento soma algumas coisas que interessam a qualquer país, interessam a qualquer governo e interessam a qualquer sociedade, ou seja, a questão da promoção da inclusão social e o fortalecimento de uma palavra muitas vezes despercebida entre os seres humanos, que é a palavra solidariedade, que é a palavra-chave, que é a peça mais importante de uma cooperativa. E eu penso que, por isso, nós tomamos as medidas que já tomamos e tomaremos quantas medidas forem necessárias para que a gente possa ter no Brasil, definitivamente, um país como sonha o companheiro Roberto Rodrigues, que me diz sempre, quando me encontra, que nós haveremos de transformar o Brasil num país cooperativista. Eu acho que isso tem que ser um sonho perseguido por todos nós.

E nós sabemos também que muita coisa que um produtor não pode fazer sozinho, ele será capaz de fazer se ele se organizar; ele é capaz de modernizar a sua produção; de colocar valor agregado nas coisas que produz; de ter acesso a financiamento; de conquistar um preço melhor, ele é capaz de eleger bons vereadores, bons deputados, bons prefeitos, bons governadores,



se estiver organizado. Se não estiver organizado, na verdade, passa a ser massa de manobra e age em função do grau de proximidade com as pessoas, nem sempre tendo como representante alguém que sinta na pele aquilo que ele sente. E nem sempre as pessoas vão cumprir o seu mandato com as reivindicações da categoria que o elegeu.

Eu tive a oportunidade, Roberto, de passar uma semana visitando Israel. E todo o meu desejo era conhecer como é que funcionavam o *kibutz* em Israel que, possivelmente, é a forma mais organizada de uma cooperativa, mas também, uma forma que pode não dar certo em vários outros países. Eu voltei de lá convencido que a gente não poderia chegar ao Brasil propondo um *kibutz*. Eu voltei de lá convencido de que nós teríamos que criar os nossos *kibutz* de acordo com a nossa consciência, com a nossa formação, com a nossa cultura, porque se a gente tentasse importar um modelo, certamente, nós chegaríamos a um fracasso total e absoluto.

Eu acho que essa é uma coisa importante: respeitar a cultura de cada região, de cada local, porque muitas vezes o grau de cultura do estado de Roraima não é o grau de cultura do estado de Santa Catarina ou do Rio Grande do Sul. E se a gente não respeitar essa diferenciação para a organização da cooperativa, a gente pode criar uma grande cooperativa, com não sei quantos milhares de sócios e, depois de algum tempo, ela poderá fracassar porque o corpo está descolado do cérebro, como disse o Roberto Rodrigues. Eu acho que é importante a gente ter consciência disso.

Há muito tempo que eu me interesso por isso. Eu sou de uma região onde nós temos experiências com êxito de cooperativas de produção. Na minha região, em algumas empresas que faliram, uma parte dos trabalhadores não acreditava e preferiu ir à Justiça brigar pelos seus direitos, o que é também legítimo, não questionado. Mas, uma parte dos trabalhadores acreditou que era possível, ao invés de brigar pelos seus direitos, transformar a sua indenização em um montante de dinheiro capaz de comprar a empresa em que



trabalhavam. Nós já provamos isso em 12 empresas do ABC, são cooperativas que estão funcionando e produzindo de forma extraordinária, cooperativas que estão crescendo.

O governo pode fazer muita coisa se não atrapalhar. Tudo não se resolve na letra da lei. O que o governo tem que ter consciência e é isso que nós procuramos fazer, é tentar criar as condições, os mecanismos para que, da forma mais livre possível, as pessoas possam se organizar. O governo tem que funcionar como uma espécie de suporte, porque quando está tudo bem, não se precisa do governo, vamos ser francos. É que nem filho na casa da gente, quando está tudo bem, saudável, não fala o nome do pai, não fala o nome da mãe. Eles só começam a lembrar da gente quando estão com uma dorzinha ou quando precisam de um dinheirinho para sair na sexta-feira à noite.

O governo tem que estar atento para ajudar nos momentos difíceis, para que as cooperativas sejam cada vez mais fortes. Eu me lembro que quando nós chegamos ao governo, já durante a campanha, o tanto de obstáculos que nós tínhamos, no Tesouro, que evitava a criação de cooperativas, sobretudo, a cooperativa de crédito, que é um sonho que eu tenho. Eu não consigo compreender porque alguém vai ao banco tirar dinheiro com o cartão de crédito para pagar 12% de juro ao mês, ou seja, eu não consigo compreender porque vai. Não deveria ir, e se não fosse, acabaria isso.

Da mesma forma, eu não consigo compreender porque as pessoas não se organizam em cooperativas de crédito para sair do Sistema Financeiro a juros escorchantes. Quando a pessoa vai trocar uma duplicata, paga uma exorbitância, ou seja, o que vai resolver isso? Isso não vai se resolver com uma lei, isso vai se resolver com uma ação. O que é essa ação? Eu fico imaginando tantas pequenas lojas, em cada cidade que nós conhecemos, que poderiam se organizar em cooperativas de crédito, ter seu próprio financiamento e aquilo ir servindo de modelo, de exemplo para outros lugares.



Às vezes o cidadão tem uma lojinha que possui uma renda mensal de 30 mil reais, e daqui a pouco ele só está ganhando duplicatas. Acabou a loja dele, quando ele poderia ter uma cooperativa. Se ele fosse uma cooperativa, não teria um adversário lá, teria um companheiro, preocupado com ele, sentindo o mesmo problema. É esse país que nós queremos construir e é por isso que é importante uma figura como o Roberto Rodrigues no governo.

Eu não conhecia o Roberto Rodrigues. A convite do meu companheiro Graziano, ele participou de umas duas reuniões que eu precisava que ele participasse. Ele era amigo do Palocci, era amigo do José Machado, de Piracicaba. Eu ouvia falar num tal de Roberto Rodrigues, mas não o conhecia e o Roberto participou de duas reuniões antes das eleições. O que gratifica um candidato, ou seja, uma pessoa da importância do Roberto Rodrigues aceitar participar de duas reuniões de um candidato da oposição. Isso apenas fortalece os nossos laços de amizade, de confiança e, depois que eu ganhei as eleições, eu comecei a procurar quem seria o meu ministro da Agricultura. Conversei com o companheiro Graziano: “eu acho que a gente deveria convidar o Roberto Rodrigues para ser ministro da Agricultura”. Quando todo mundo achava que o Graziano queria ser ministro da Agricultura. E se fosse por uma relação de amizade, ele seria, porque eu trabalho desde 1980 com a família Graziano. Primeiro com o Zé Gomes, e o Graziano está comigo desde 1982, numa demonstração de que quando você monta um governo, você não cria um grupo de amigos. Quem vem para criar um grupo de amigos no governo está fadado ao insucesso. Você tem que colocar nos melhores lugares as pessoas que tem o reconhecimento da categoria, do conjunto da sociedade, de que ele é melhor.

Nós sabemos que o Pratini de Moraes foi um ministro da Agricultura respeitável, não foi um ministro que não merecesse consideração do setor, ele trabalhou muito para o setor. E eu falei: eu preciso encontrar alguém melhor. E alguém melhor tem que ser alguém que tenha mais raiz nesse meio, sobretudo,



alguém que tenha um pé calçado na experiência de cooperativas. E encontrei no nosso companheiro Roberto Rodrigues essa figura. Eu acho que ele conhece um por um de vocês pelo nome. E ainda se dá ao luxo de conhecer o nome do pai, do avô. De vez em quando, ele esquece o nome dos netos, mas ele se lembra dessas pessoas todas.

Então, eu acho que nós estamos no caminho. Eu diria que as coisas não andam nunca rápido como vocês desejam ou como eu gostaria que andassem. Tem a normatização das coisas. Muitas vezes, você manda um projeto de lei para o Congresso Nacional imaginando que dentro de dois meses ele vai ser aprovado. Acontece que, como o Congresso Nacional é a representação da estrutura democrática da nossa sociedade, aparece alguém lá e resolve fazer uma emenda, numa coisa que não demora mais que o tempo necessário. Mas isso faz parte do jogo. E a gente não pode ficar reclamando.

O que é importante, e eu quero que vocês tenham consciência disso, deputados, cooperativados, é que nós não mediremos esforços, não mediremos nenhum sacrifício para fazer todas as mudanças que precisam ser feitas na estrutura legal do país, para que a gente possa ter um país com uma dimensão de cooperativas infinitamente maior do que a que temos hoje. Eu acredito nisso. Acredito que nós precisamos criar coisas sólidas, que não venha mais um governo fazer uma aventura, que não venha o Banco Central fazer uma outra, que não venha alguém do Tesouro fazer uma outra. Tem que ser uma estrutura em que a sociedade brasileira assimile como uma mudança necessária porque o grande problema é que cada vez que você escolhe um ministro, ele tem uma tese, ele estudou numa universidade, fez a tese para fazer o curso de mestrado, de doutorado, de pós-graduação. E quando ele chega no governo, ele quer implementar a tese dele e não leva em conta a dos outros.

Qual é a vantagem de eu ter no governo o Roberto Rodrigues? É que ele não tem uma tese pessoal. A tese pessoal é o aprendizado que ele adquiriu



nas cooperativas, seja no Brasil, seja na representação internacional. É uma coisa coletiva, não é uma coisa pessoal.

Essa tese não é dele, é uma tese de todos nós. É uma tese que precisa ser assinada por aqueles que ainda não compreendem.

Eu sei que, de vez em quando, as pessoas ficam bravas com o Roberto, porque ele não consegue tudo. Acontece que ser ministro não significa conseguir tudo. Um governo é um conjunto de interesses da sociedade e tem sempre aquele cabo de guerra, tem sempre um lado puxando o outro. Qual é o nosso papel? É o papel do equilíbrio, é o papel de não permitir que um lado derrube o outro. O que nós queremos é que todos os lados, da forma mais justa possível, permaneçam em pé fazendo um bom combate, puxando aquele que pensa que vai cair, mas não cai; levantando com mais força, porque é assim que nós queremos que esse país se organize. E eu acho que nós estamos conseguindo isso.

Por isso mesmo, uma das primeiras ações na área do crédito foi determinar ao nosso companheiro ministro da Fazenda, Palocci, que junto ao Banco Central estudasse todas as medidas que permitissem o crescimento das cooperativas de crédito e dos bancos cooperativos.

Em pouco tempo, autorizamos a criação de cooperativas abertas de crédito que estavam vetadas pelo Banco Central desde 1999. Além disso, eu quero também lembrar que, este ano, fizemos a extensão dos recursos da poupança rural aos bancos cooperativos. Sem falar da ampliação e desburocratização do crédito da agricultura familiar que beneficia grande número de pequenas e médias cooperativas em todo o território nacional.

Estamos, assim, apressando a realização de um velho sonho de muitos líderes agrícolas do nosso país: de caminhar com as próprias pernas, reduzindo a dependência, das cooperativas, do governo.

Nós sabemos muito bem que o cooperativismo precisa de duas coisas essenciais para andar adequadamente: base institucional moderna e recursos



humanos bem preparados. E eu quero dizer, Márcio, que da nossa parte, o que pudermos fazer para que essa grande escola de formação de cooperados aconteça, vamos fazer, porque eu acho que falta isso, sobretudo, nas regiões Nordeste e Norte do país.

É preciso que a gente dê a essas pessoas uma dimensão, porque tem muita gente que ainda acha que ser cooperado é perder a dimensão da sua propriedade privada, é abdicar do poder sobre a propriedade. E nós precisamos dizer para ele que é exatamente o contrário, a propriedade privada será muito mais valorizada se estiver produzindo adequadamente, se ele estiver levando tecnologia para transformar a terra num exemplo, pois, terra criando carrapicho não tem muito valor. E é com isso que nós precisamos orientar essas pessoas. Eu dizia para o Márcio que eu acho que até o movimento sindical rural trabalha pouco essa questão de cooperativas. Nós estamos incrustados naquela idéia da saída individual. Para o pequeno, todo mundo sabe, a saída individual é muito difícil. É preciso incutir na cabeça dele a idéia de que se ele se organizar, ele terá muito mais chances.

Como é que um pequeno agricultor, de dez hectares, vai poder comprar uma máquina financiada pelo Moderfrota? Ele não vai conseguir comprar. Agora, se juntarem 100, ele poderá comprar até duas. Ele poderá colocar valor agregado no seu produto e ganhar mais dinheiro. Eu acho que é isso que nós temos que ensinar, Márcio, para essa gente. Eu acho que é preciso criar uma propaganda institucional das cooperativas. Tem propaganda de sabonete, de pasta de dente, de chinelo, de cerveja. Eu acho que é preciso ter uma de cooperativas. Vamos pensar nisso, Roberto, uma publicidade de cooperativas. Não pode ser uma publicidade comercial, mas uma publicidade de interesse público. Eu penso que até os canais de televisão podem contribuir sem precisar cobrar o que a gente pensa que vão cobrar, porque é uma coisa essencial para a organização da nossa sociedade.



Eu acho que a gente pode trabalhar junto, podemos conversar com a Secom, para ver se a gente consegue colocar uma publicidade, porque também ninguém vai fazer, se não conhecer. Então, é preciso levar as experiências bem-sucedidas. Eu sou sempre chegado a que se difunda, ao máximo possível, as coisas que dão certo. As coisas que não dão certo, não vai faltar quem divulgue.

Minha mãe, quando eu era pequeno, dizia: “Meu filho, você tome cuidado, porque a notícia boa anda devagarzinho, a notícia ruim corre. Então, muitas vezes a gente faz uma coisa maravilhosa, com resultados extraordinários e ninguém sabe.” Uma pisada na bola que alguém der, aí ganha manchete, até internacional.

Eu penso que nós é que precisamos ter o cuidado de difundir essa coisa. Eu quero, Roberto Rodrigues, que a gente, agora, junto com o ministro Gushiken, pense num jeito de chamar o Márcio e ver, com os meios de comunicação, que tipo de publicidade a gente pode fazer para mexer com a questão das cooperativas.

Bem, vocês já ouviram falar da Comissão Interministerial. Essa Comissão trabalhou, essa Comissão ouviu os setores interessados e já apresentou as suas conclusões voltadas para a edição de uma nova lei de cooperativas, cujo projeto está sendo preparado pelo Denacop.

É preciso que vocês apressem o mais rápido possível, porque nós mandamos essas coisas para o Congresso Nacional e vamos trabalhar com os nossos deputados para que sejam aprovadas. Eu estou convencido, Márcio, que a economia brasileira, pela estrutura que nós conhecemos na década de 60, de 70, das grandes e médias empresas, vai ser muito difícil, porque os avanços tecnológicos estão fazendo com que cada vez mais tenha menos gente trabalhando.

O que nós precisamos é acreditar num outro modelo, eu acho que a cooperativa é uma coisa extraordinária, não só pelos números que você



apresentou, Márcio, mas pelo que a gente conhece de experiências bem-sucedidas e eu acredito que nós precisamos fazer com que essa lei seja aprovada o mais rápido possível. Eu quero que o Roberto Rodrigues me telefone e fale: “Presidente, não temos mais nenhum empecilho de cooperativa neste país, agora está tudo pronto, só falta agora convencer a sociedade a se organizar em cooperativas”. E, aí, é um trabalho de cada um de nós, é um trabalho de toda a sociedade brasileira.

Um aspecto importante que deverá ser definido nessa nova lei é o tratamento tributário de que você falou, Márcio, das atividades do setor, bem como as regras para o bom funcionamento das cooperativas de trabalho, tão importantes para a geração de empregos. Nós temos, às vezes, problemas com cooperativas de trabalho, porque o Ministério Público do Trabalho, muitas vezes, não permite a organização das cooperativas.

Então, você fica num choque tremendo. De um lado, o Ministério do Trabalho querendo gerar o maior número de empregos possíveis, e, do outro lado, um órgão do próprio Ministério do Trabalho, evitando que isso aconteça. E não evita cometendo nenhuma injustiça, não, tem que evitar cumprindo a lei. É aquilo que eu digo na questão do meio ambiente, o mesmo Estado que dá com uma mão, retira com a outra, porque muitas vezes a gente reclama do meio ambiente, mas o Ministério cumpre as leis, tem uma lei que foi feita pelos deputados e pelos senadores, e ele é obrigado a cumprir.

Então, nós chegamos ao cúmulo de um ministério qualquer autorizar uma obra ou fazer um contrato, mas quando vai pedir o licenciamento do prédio, com o que nos deparamos? Não estão cumprindo todas as normas da lei. Aí, a primeira coisa que nós fazemos é xingar o meio ambiente, quando, na verdade, nós deveríamos xingar quem fez a lei, porque o Ministério tem que cumprir a lei. Nós estamos trabalhando com muito cuidado, eu já disse ao ministro Ricardo Berzoini que é preciso que a gente veja onde estão todos os empecilhos legais, para que possamos discutir com o Congresso Nacional e



fazer as mudanças que precisam ser feitas. Afinal de contas, nós estamos no século XXI, as regras não podem ser as mesmas do século passado. Se as coisas mudaram, nós temos que avançar no sentido de garantir que haja oportunidade de emprego para as pessoas, e não fazer isso de forma a burlar, de forma a afrontar outro Poder ou uma outra instituição. Mas fazer isso de forma acordada.

Eu digo para o Roberto, sempre, digo para os meus companheiros, que eu acho que, se dependesse de mim, tudo seria feito por acordo, tudo. É que, de vez em quando, tem eleição e os acordos ficam mais difíceis porque as pessoas depositam todo o seu interesse num período muito curto de eleição. Isso, às vezes atrasa, mas eu estou convencido de que não há nada neste país que a gente não possa se sentar a uma mesa, negociar e sair com uma síntese que possa atender a todo mundo.

Nós queremos a parceria do cooperativismo, tanto na área rural para fortalecer o mercado interno, melhorar as exportações e aumentar a renda do pequeno produtor, quanto na área urbana, onde as cooperativas têm demonstrado sinais extraordinários de inclusão social. Por tudo isso, é para mim uma grande alegria estar aqui, Márcio, participando de mais uma celebração do Dia Internacional. E fico ainda mais feliz pela inauguração deste auditório que leva o nome do nosso querido e saudoso líder cooperativista, pai do Roberto Rodrigues, companheiro de todos vocês, o Antônio José Rodrigues Filho que foi, na verdade, um dos grandes incentivadores de cooperativas neste país.

Eu quero desejar a todos vocês e a você, Márcio, todo o sucesso do mundo a vocês, que integram esse pungente movimento, garantindo que o nosso governo continuará lutando para fortalecer e expandir cada vez mais o setor cooperativista na economia brasileira.

Eu quero terminar dizendo aos meus companheiros, e dizendo, sobretudo, a você Márcio, que não tenha nenhuma dúvida que a qualquer



momento que precisarem que o governo interceda para que a gente possa fazer as cooperativas andarem mais e melhor, você terá não apenas em mim, mas na totalidade do governo, a começar pelo Roberto Rodrigues, um companheiro. Nós não mediremos esforços, não haverá sacrifício que não mereça ser superado para que a gente tenha este país transformado numa grande cooperativa, numa cooperativa que possa cumprir um desejo que eu tenho, pois eu acho que o que falta muito no Brasil é uma coisa chamada oportunidade; eu acho que as pessoas não têm a oportunidade de conhecer o significado das cooperativas.

Se as pessoas tivessem o privilégio que eu tive de visitar algumas cooperativas bem-sucedidas...

... e terem esse conhecimento, porque aí sim eu penso que nós estaremos consolidando o sonho do pai do Roberto Rodrigues, o sonho do Roberto Rodrigues. Eu não sei se vocês perceberam que é uma dinastia fantástica, porque era o pai do Roberto Rodrigues, que tinha o pai do Márcio como ajudante. Depois, o Roberto Rodrigues, que teve o Márcio como ajudante. Agora, é o Márcio que está na cooperativa. Vocês percebem que a coisa está sempre dentro de casa.

Mas, de qualquer forma, eu quero dizer para vocês que feliz de um país que tem pessoas que acreditam como vocês acreditam; feliz do país que tem pessoas que produzem como vocês produzem, e feliz do país que tem pessoas que acreditam na palavra solidariedade como nós, no Brasil, temos vocês. E mais feliz, ainda, o país que pode ter como ministro da Agricultura um companheiro como o Roberto Rodrigues e, como presidente das Cooperativas um companheiro como o Márcio.

Muito obrigado e boa sorte a todos vocês.